



O DEBATE SOBRE AS VISÕES DO CONCÍLIO DIVINO COM FOCO EM ISAÍAS 6 E APOCALIPSE 4

Harryson de Sousa Brabo⁹⁷
Ezinaldo Ubirajara⁹⁸

RESUMO

Há muitas referências e semelhanças entre Novo Testamento e Antigo Testamento. Mais que isto. Há seções inteiras que parecem ser retiradas do AT e postas no NT como releituras ou meras alusões. Um desses casos é o dos relatos visionários de Isaías, Ezequiel, Daniel e João. Esses casos são conhecidos como Visões do Trono ou Tribunal/Concílio Divino e podem levar o leitor a fazer a pergunta “os eventos narrados são os mesmos?”. Uma pesquisa sobre esse tema tão amplo no meio judaico se encontra em falta no meio adventista. Esta é exatamente a finalidade deste trabalho, um artigo que visa expor as principais obras sobre o concílio divino. Visto isso, o trabalho que é de cunho bibliográfico, explorando livros específicos sobre os livros de Apocalipse e Isaías, comentários bíblicos, introduções ao Antigo e Novo Testamento e outras obras literárias, apresenta o tema do concílio divino na tradição judaica e suas comparações entre literaturas de outros povos, aponta as similaridades entre as visões de Isaías 6 e Apocalipse 4 e analisa as duas principais palavras para visão, confirmando bem como apresenta a teologia por trás do tema do concílio divino dentro da Bíblia Sagrada e desse modo oferece um sistema que serve como guia para futuros trabalhos dentro deste assunto.

Palavras-chave: Concílio Divino, Isaías, Apocalipse, Intertextualidade.

ABSTRACT

There are many references and similarities between New Testament and Old Testament. Nay. There are entire sections that seem to be taken from the OT and put on the NT as rereading or mere allusions. One of these cases is from the visionary reports of Isaiah, Ezekiel, Daniel and John. These events are known as Throne Visions or Divine Courtroom/Council and may take the reader into asking the question “are these narrated events the same?”. A research about the wide theme in the Judaic milieu is found lacking in the Adventist environment. This is the goal of this work. An article that aims to expose the principal works about the divine council. As shown, the paperwork which is bibliographical, exploring specific books about Apocalypse and Isaiah, biblical commentaries, introductions to Old and New Testament and other literary productions, presents the theme of the divine council in the Judaic tradition and it's comparisons among literatures from other nations, points out similarities between the visions of Isaiah 6 and Apocalypse 4 and analyzes the two main words for vision as well as present the theology behind the theme of the divine council inside the Holy Bible and by this way offering a system that serves as a guide to future works within this subject.

Key-words: Divine Council, Isaiah, Apocalypse, Intertextuality.

⁹⁷ Bacharel em Teologia pelo SALT-FAAMA, turma de 2019. haryy870@gmail.com.

⁹⁸ Professor de Antigo Testamento no SALT-FAAMA. ezinaldoubirajara@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Deus sempre enviou visões ou apareceu a seus profetas e homens escolhidos para falar de sua vontade⁹⁹. Uma breve análise sobre as principais visões onde Deus se mostra e evidencia que algumas possuem similaridades¹⁰⁰, as visões mais conhecidas por essas similaridades são as visões de Isaías 6, Ezequiel 1, Daniel 7 e Apocalipse 4, visões onde se encontra o relato de Deus sentado sobre um trono, hostes angelicais ou seres celestes ao redor d'Ele juntamente com cantos de adoração.

Essas narrativas do trono podem ser chamadas de Visões do Trono, Tribunal Divino¹⁰¹ ou Concílio/Assembleia Divino(a), “Todas essas descrições da entronização de Deus em sua corte celeste são baseadas em antigas concepções do tribunal divino ou assembleia encontradas na Mesopotâmia, Ugaria e Fenícia bem como em Israel.” (AUNE, David E.. *World Biblical Commentary*, p. 277, 278). As narrativas possuem elementos que as ligam gramaticalmente. Isso pode ser chamado de intertextualidade ou alusão intra-bíblica¹⁰², como afirma o editorial “Exegese Bíblica e Intertextualidade: A Importância do Antigo Testamento à Compreensão do Novo Testamento”.

De fato, caímos no campo da subjetividade quando tentamos perceber as alusões ao Antigo Testamento, uma vez que, sendo a alusão apenas uma referência vaga e/ou indireta, determinada passagem do Novo Testamento pode configurar uma alusão para alguns leitores e, para outros, não. Conforme salientam esses autores, “o que importa é que os escritores do Novo Testamento dialogavam com o Antigo Testamento e sentiam que estavam diretamente ligados a ele”¹⁰³. (AGUIAR, p. 1)

Apesar de serem relatos impressionantes em si, por conterem momentos de escolha e de mudança de caráter e de capacitação para a missão e por solidificarem,

⁹⁹ O SENHOR advertiu a Israel e a Judá por intermédio de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Voltai-vos dos vossos maus caminhos e guardai os meus estatutos, segundo toda a Lei que prescrevi a vossos pais e que vos enviei por intermédio dos meus servos, os profetas” II Reis 17:13.

¹⁰⁰ O livro *I Saw the Lord: A Biblical Theology of Vision* de Abner Chou, é uma obra única que usa essa abordagem de semelhança e explora essas similaridades entre as principais visões do trono dentro da Bíblia. Este livro será melhor abordado na seção 2. O Debate sobre as Similaridades entre as Visões do Concílio Divino.

¹⁰¹ Podem ser chamados também de Teofanias do Trono, como Amanda M. Davis Bledsoe e Ludwig-Maximilians-Universität afirma em seu artigo *Daniel, the Book of Giants, and 1 Enoch Reconsidered*, p. 81, esses eventos são caracterizados pela visão de uma deidade sentada em um trono com vários acompanhantes ao redor, mais sobre isso na seção 2. O Debate sobre as similaridades do Concílio Divino, este trabalho se encontra no livro *Throne Theophanies and Righteous Seers*; em inglês, “Divine Courtroom”, segundo Kensky, se refere tanto ao julgamento de Deus nos céus quanto na terra e na Bíblia podem se mostrar através de narrações visionárias ou poesias sobre a justiça divina (*Trying Man, Trying God: The Divine Courtroom in Ancient Jewish and Christian Literature*, p. 13)

¹⁰² Intertextualidade, em termos gerais, é a conexão e compreensão de um texto a luz de outro texto semelhante (MOYISE, p. 418). Alusão intra-bíblica é a reutilização de textos dentro do cânon bíblico (MASOTTI, LEITE, p. 66)

¹⁰³ Citado do livro **Introdução à hermenêutica bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época, de Walter C. Kaiser Jr. e Moisés Silva, p. 208.

a partir desses capítulos, as narrativas e revelações subsequentes, uma pergunta que sobressalta os leitores que comparam os textos é “estão os autores relatando o mesmo evento?”¹⁰⁴, a semelhança entre os relatos forma conexões linguísticas que podem levar sim a essa questão, e os relatos de Isaías 6 e Apocalipse 4 são exemplos grandiosos, segundo o artigo de David Mathewson no livro *Isaiah and the New Testament* o livro do Apocalipse está saturado de alusões e ecos do Antigo Testamento (MOYISE, MENKEN, p. 189).

O Comentário Adventista faz uma ligação entre as visões de João, Ezequiel e Isaías, ele afirma que “os querubins da visão de Ezequiel tinham quatro asas cada (Ez. 1:10; 10:21), enquanto que os serafins de Isaías tinham seis (Is. 6:2).” (SDABC. 1980. p. 768). Outros preferem considerar que o relato joanino está simplesmente fazendo alusão aos relatos do AT, Desmond Alexander considera que o próprio Isaías fez uma alusão ao Êxodo na visão do capítulo 4 (New Dictionary of Biblical Theology, p. ...).

Alguns consideram essas similaridades apenas ecos como o comentário bíblico Beacon “Esse é um eco do clamor dos serafins em Isaías 6:3” (EARLE, 2017, p. 439), a expressão “Santo, santo, santo” é encontrada somente em Isaías e Apocalipse, não há outro *trisagion*, portanto, é de se esperar que a pergunta acima seja feita uma hora ou outra. De fato, essa pergunta já foi realizada. No livro *I Saw the LORD* de Abner Chou, o autor que é professor associado de Bíblia na Master’s University, trata de responder exatamente essa questão e sua conclusão é a de que eles realmente viram o mesmo evento, mas com focos diferentes.

No geral, visões sobre Deus são direcionadas ao povo para demonstrar que Deus é soberano sobre todos os povos e é Juiz sobre todos os povos, portanto há um paralelo não somente entre gramática, mas entre conteúdo. Este conteúdo compartilhado é entre todos os mesopotâmios antigos, isto significa que nossas pressuposições interpretativas da história e do tempo não valem aqui. Este é um ponto necessário tocar antes de entrar no real trabalho.

A visão de mundo do hebreu antes de Cristo é diferente da do judeu depois de Cristo e ainda mais diferente do ocidental moderno “Não compartilhamos a estrutura cognitiva dos escritores bíblicos. Embora as implicações possam parecer desconfortáveis, é hermeneuticamente inútil fingir o contrário.” (HEISER, p. 13). O hebreu antigo tinha uma visão da história como o tempo em que os seres humanos evoluem, ou seja, mesmo sua razão e pensamentos são parte integral da criação e da história, sendo isto verdade, a razão humana não toma a forma de conhecimento objetivo, mas aceita a universalidade da história¹⁰⁵ (SCHROEDER, p. 25, 26, 54).

¹⁰⁴ Segundo Abner Chou, o processo pelo qual essa pergunta obtém uma resposta é o processo de Harmonização (*I Saw the LORD: A Biblical Theology of Vision*, p. 22), mais sobre isso na seção 2. O Debate sobre as similaridades do Concílio Divino.

¹⁰⁵ O livro *History, Justice and the Agency of God* de Schroeder, explora melhor a experiência hebraica da história como universal e compara as visões gregas e hebreias. A visão grega valoriza a razão humana como capaz de “olhar de fora” da existência e da história e julgar, fazer comparações, analisar. A visão hebraica por outro lado considera tudo aquilo que se relaciona com o mundo natural como natureza, incluindo a razão, desse modo, somente Deus pode se pôr no lugar de julgar e analisar os homens, assim, o hebreu via todas as coisas como obras divinas, sejam más ou boas, um exemplo

Em segundo lugar, o Concílio Divino é a mais pura expressão da vontade de Deus aos seres humanos, ou seja, é a única forma de contato que os hebreus tinham com a vontade divina claramente expressa e a única forma de saber que existia uma esfera de realidade além da sua¹⁰⁶. Este trabalho irá se basear vagamente na obra de Chou, pois Chou percebe essa visão hebraica, Chou afirma que analisar as visões ajuda a unir as teologias numa relação simbólica e que essa unificação ajuda na compreensão daquilo que as visões querem expressar em última instância.

1 O DEBATE SOBRE AS VISÕES DO CONCÍLIO DIVINO

É importante lembrar que não há vários estudos sobre este assunto focando os livros de Isaías 6 e Apocalipse 4 em específico¹⁰⁷. Job Y. Jindo no livro *The Divine Courtroom in Comparative Perspective*¹⁰⁸ afirma que “A noção bíblica da justiça divina e do tribunal tem sido discretamente examinado, na maioria das vezes, como uma categoria teológica independente de si.” (2015, p. 76). Segundo Paul Sumner no seu livro *Visions of the Divine Council in the Hebrew Bible* a existência do conselho divino¹⁰⁹ se encontra em vários gêneros literários do Antigo Testamento no gênero histórico, narrativa e passagens poéticas, visões proféticas, liturgia do templo, visões apocalípticas (p. 3), este será o início da linha de estudo.

237

1.1 A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA HEBRAICA E LITERATURAS ORIENTAIS PRÓXIMAS

O livro *Dictionary of Old Testament: Wisdom, Poetry, Writings* revela “sobreposições” entre a versão dos concílios divinos das nações vizinhas e a versão dos concílios divinos de Israel. Ele traz o exemplo da literatura de Ras Shamra (Ugarit). “Traduzidas logo após sua descoberta na década de 1930, essas tabuletas contêm várias frases que descrevem um concílio de deuses conceitualmente e linguisticamente paralelo à Bíblia Hebraica” (LONGMAN III, ENNS, p. 237). Longman também traça um paralelo, das narrativas que apresentam os lugares da habitação divina, entre o KTU (*Keilalphabetische Texte aus Ugarit*, coleção de referências básicas das obras Ugarit) e a Bíblia Hebraica.

No KTU o encontro da reunião dos deuses, sendo El o maior deles, “assembleia dos filhos de El”, “assembleia de El” e “lugar da assembleia para os filhos de El”

disso é o livro de Jó, onde o protagonista Jó e seus amigos acusam Deus de infligir o sofrimento sobre Jó.

¹⁰⁶ A obra de Schroeder acusa, assim como Carol, o concílio divino de ser uma metáfora que utiliza termos legais para falar da justiça divina, mais sobre isto na seção 2. O DEBATE SOBRE AS VISÕES DO CONCÍLIO DIVINO.

¹⁰⁷ A obra de Fekkes, *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book of Revelation*, aborda de maneira geral os dois livros, outras obras incluem, *Isaiah in the New Testament* de Steve Moyise.

¹⁰⁸ Este livro é uma compilação de várias obras e será recorrentemente citado nesta seção.

¹⁰⁹ “O termo conselho divino é usado pelos estudiosos hebraicos e semíticos para se referir à hoste celestial, o panteão dos seres divinos que administram os assuntos do cosmos. Todas as culturas mediterrâneas antigas tinham alguma concepção de um conselho divino. O conselho divino da religião israelita, conhecido principalmente pelos salmos, era distinto em aspectos importantes.” (LONGMAN III, ENNS, p. 237)

(WILDBERGER, p. 255), são alguns dos nomes desse local mítico na literatura Ugarit, a reunião se dá em uma “montanha cósmica” ou num lugar exuberante, essa montanha ficava na “fonte dos dois rios”, no “meio das fontes do fundo duplo” (HEISER, p. 36. Essa montanha bem regada era o local da “congregação reunida”. Na Bíblia Hebraica Deus habita nas montanhas (Sinai ou Sião, Êx 34:26; 1 Reis 8:10; Sl 48: 1-2), seu templo está localizado nas “alturas do norte ” (Sl 48: 1-2) e Sião é o “monte da assembleia”, novamente localizado “nas alturas do norte ” (Is 14:13) onde é localizado o concílio de El da literatura Ugarit (HEISER, p. 36) e este também é descrito como uma habitação aquosa em Is 33: 20-22; Ezek 47: 1-12; Joel 3:18; Zech 14: 8. (LONGMAN, ENNS, p. 238).

Assim como na cultura Ugarit, no Antigo Egito acreditava-se que os deuses se reunião em um concílio nas montanhas e jardins (HEISER, p. 35), inclusive o conceito de uma estrutura burocrática de administradores que respondia diretamente ao Faraó e moravam dentro de sua casa; segundo ele, na Bíblia, em especial o Salmo 82, se encontra uma estrutura semelhante que o salmista chama de Concílio.

1.2 A TRADIÇÃO DO CONCÍLIO DIVINO NA LITERATURA JUDAICA E CRISTÃ

238

O artigo de Ryan Stokes intitulado *The Throne Visions of Daniel 7, 1 “Enoch” 14, and the Qumran “Book of Giants” and Analysis of Their Literary Worship*¹¹⁰ é um trabalho que analisa e compara as visões do trono de Daniel 7, o apócrifo de 1 Enoque e o Livro dos Gigantes, um épico apócrifo derivado do livro de 1 Enoque (STOKES, p. 351), esta obra traz a discussão de qual relato deriva do outra e conclui que os livros extra bíblicos são aqueles que derivam da narrativa do livro de Daniel¹¹¹, esse trabalho analisa exatamente o que Abner Chou afirma “A presença desse *modus operandi* [*gezerah sheva*, agrupamento de textos baseados em associações léxicas] apoia a síntese [harmonização] que sugiro.” (CHOU, 2013, p.7).

Outro trabalho, similar ao artigo de Stokes é o artigo denominado *The Tradition of the Throne Vision in the Second Temple Period: Daniel 7:9-10, 1 Enoch 14:18-23, and the Book of Giants*¹¹² de Jonathan R. Trotter. O trabalho de Jonathan é incrivelmente parecido com o trabalho de Stokes, a diferença é que Trotter monta em cima de Stokes e discute suas diferenças e similaridades para, como ele afirma, “discernir essa relação” (p. 451). Trotter afirma que meras similaridades não explicam sua relação como derivadas uma da outra, mas que cada autor teve sua interpretação da tradição do trono divino e portanto, não há ligação literária entre eles (p. 452 e 466), Chou por outra lado afirma que as similitudes entre Daniel, 1 Enoque, Isaías e

¹¹⁰ Este artigo se encontra no livro *Dead Sea Discoveries* Vol. 15 N. 3 publicado pela Brill.

¹¹¹ Jon Watts no *World Biblical Commentary*, v. 24 afirma que os manuscritos de Qumran encontrados no Mar Mortos fazem mais alusão a Isaías e a Deuterônimo que qualquer outro livro (p. xlix).

¹¹² Deborah Dimant é grande nome nos estudos das literaturas do oriente médio em especial dos manuscritos do Mar Morto, entre suas obras estão *The Dead Sea Scroll in Scholarly Perspective, From Enoch to Tobit: Collected Studies in Ancient Jewish Literature e History, Ideology and Bible Interpretation in the Dead Sea Scrolls*.

Ezequiel são tantas – inclusive usando um evento de clímax escatológico – que mesmo sendo um livro extra bíblico é considerado um livro dentro da “tradição do trono” (CHOU, p. 13).

Meira Kensky é em seu artigo *Getting Perspective: The Divine Courtroom in Tertullian of Carthage's Apologeticum*, no livro *The Divine Courtroom in Comparative Perspective*, aborda uma literatura cristã em especial, o *Apologeticum* de Tertuliano de Cartago, segundo Kensky, Tertuliano menciona o concílio divino em outras obras também¹¹³ e menciona outras obras que contem relatos do concílio divino, o *Apocalipse de Pedro* e *Visões de Paulo* (*Visio Pauli*), (p. 95).

Martha Himmelfarb no capítulo *Heavenly Ascent and Priestly Investiture* do seu livro *Ascent to Heaven in Jewish and Christian Literature* afirma que entre as literaturas apocalípticas apenas o *Apocalipse* e o livro de 3 Baruque contem sacrifícios ocorrendo no céu (p. 34), Martha comenta mais sobre o Testamento de Levi, uma literatura cristã com fortes influências judaicas (p. 30), há visões do trono e de Deus sentado sobre ele (p. 31), narrativas de uma cena em que oferendas de aromas suaves são oferecidos a Deus muito parecido com a narrativa do incenso oferecido no altar de *Apocalipse 8* (p. 34), outros livros, que invocam sete céus, também são citados por Himmelfarb como produções apocalípticas, a saber, o *Apocalipse de Pedro*, *Apocalipse de Paulo* e o *Apocalipse de Zefanias* (p. 32).

1.3 O DEBATE DO CARÁTER DAS VISÕES DO CONCÍLIO DIVINO

O estudo mais abrangente que temos é o livro de Abner Chou de nome *I Saw the Lord: A Biblical Theology of Vision*, neste livro Abner Chou faz comparação entre todas as principais visões sobre o trono de Deus, a saber, as visões de Isaías, Ezequiel, Daniel e João. Chou argumenta que a intertextualidade e a intratextualidade sempre estiveram presentes nas visões bíblicas (p. 5), para ele a intertextualidade é elemento chave naquilo que ele denomina “Teologia de Visão”.

As visões vão além de similaridades, elas não são conectadas por tradição – como sugere o artigo de Jhonathan Trotter – ou assunto, mas como diferentes ângulos do mesmo evento (p. 2) sugerindo que a harmonização entre elas unifica as visões, pois as interconexões e correspondências significativas sugerem isso. “Elas todas, a sua própria maneira, refletem uma realidade de cena celeste (onde) com características similares (quem).” (CHOU, p. 45). O objetivo de Chou é unir as teologias dos autores através de suas visões (p. 3). Ele afirma que seu trabalho não é novo, pois na época destes escritos já se encontravam literaturas que “harmonizavam as visões” (p.6).

No livro *The Divine Courtroom in Comparative Perspective* o artigo de Carol Newsom intitulado *The Invention of the Divine Courtroom in the Book of Job*, a autora articula que o Tribunal Divino é uma metáfora em termos legais (Direito) que serve para o relacionamento de Deus com o homem (p. 246-47). Jindo já afirma que “o termo “metáfora” evoca o sentido de projeção e, uma vez aplicada, a realidade da imagem

¹¹³ *Ad Nationes e Adversus Marcionem*

é imediatamente diminuída e, eventualmente, a realidade viva da religião bíblica, da qual essa noção é apenas uma parte, desaparece.” (p. 81), mas como bem apresentado por Logman e Enns no Dicionário do Antigo Testamento, as metáforas não são ruins.

Além de descrever Yahweh como o rei entronizado reinando em Jerusalém, são empregadas várias metáforas que descrevem o que Yahweh é para seu povo. Uma pesquisa representativa dessas metáforas descobrirá que Deus é semelhante a, por exemplo, uma rocha (Sl 62: 2), um esconderijo (Sl 119: 114), um escudo (Sl 140: 7; Pv 2: 7-8), asas de proteção (Sl 57: 1; 63: 7; 91: 4), uma torre forte (Sl 61: 3; Pv 18:10) e uma morada (Sl 90: 1; 91: 1). Cada figura de linguagem reflete a presença de Yahweh com seu povo. (p. 245).

No livro *Ascent to Heaven in Jewish & Christian Literature* de Martha Himmelfarb, diferente de Stokes, Martha declara que a maioria dos escritos sobre visões do trono procedem da “mais antiga ascensão apocalíptica, *The Book of Watchers* (1 Enoque 1-36)” (p. 3). Para ela, todos os outros derivam do livro de 1 Enoque por evidências paleológicas que os classificam assim (p. 5) exceto pelo livro de Ezequiel que ela classifica como tendo sido escrito antes de 1 Enoque. Himmelfarb é claramente uma autora de alta crítica, pois afirma que o livro de Daniel foi escrito durante o período da revolta dos macabeus (p. 6), retirando seu caráter profético e apocalíptico.

O livro *The Divine Courtroom in Comparative Perspective* de Ari Mermelstein e Shalom E. Holtz, mencionado antes, une várias obras, em sua maioria judaicas, sobre o tema do Tribunal Divino, produzido pela Universidade de Yeshiva e o Instituto de Lei Judaica Bea Diener durante uma conferência de sobre estudos religiosos modernos (p. 1). Para Mermelstein “explorar o tribunal divino dá entrada no núcleo do estudo moderno da religião.” (ibid.).

Em primeira instância os dois autores deixam claro que o tribunal divino não é apenas um tema em que Deus está jogando, mas em que Deus também se encontra em julgamento esse pensamento se apoia nas obras de Kensky¹¹⁴ que afirma que Deus é tanto o juiz em assuntos divinos e humanos (p.18) como afirma o artigo *Jewish Hermeneutics of Testing* de Nicholas J. Elis, em I Reis 22.6, 19-23, Deus aparece julgando o macro e o micro, como “juiz e executor” (p. 59 e 60). No artigo de Paul Sumner, *Visions of the Divine Council in the Hebrew Bible*, ele afirma que Deus ocupa três cargos como chefe do conselho, Ele é Rei, é juiz e é Guerreiro (p. 3).

A obra de Mermelstein e Holtz afirma, falando da influência do livro de Jó sobre o tema, que o tribunal divino permeia os aspectos da teologia bíblica, teodiceia e julgamentos no fim dos tempos, “mas estendendo-se muito além dos conceitos como profecia, oração, lei e convênio” (p. 4). Ainda na mesma página ele afirma que “O assunto bíblico da justiça divina e do tribunal faz parte de um paradigma complexo de

¹¹⁴ A obra de Kensky se chama, *Trying Man, Trying God: The Divine Courtroom in Early Jewish and Christian Literature* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2010), é baseada nas obras de sua mãe Tikva Frymer-Kensky sobre ordens judiciais no antigo oriente (*Jewish Hermeneutics of Testing*, p. 58), Kensky possui um artigo no livro de Mermelstein e Holtz intitulado *The Divine Courtroom in Tertullian of Carthage's Apologeticum*, mencionado na seção 2.2 As tradições do concílio divino na literatura judaica e cristã.

reinado divino através do qual os autores bíblicos estruturaram como eles viveram e como eles entenderam a vida e a realidade.” (ibid.).

Outras obras que tratam esse tema de modo especial, saindo um pouco da alta crítica, são as obras de David Aune e Jon Watts no *World Biblical Commentary*, v. 52a e v. 24 respectivamente. Iniciando pela obra de Aune, ele dedica uma seção inteira sobre o Misticismo Merkavah (carruagem) e sua ligação com Apocalipse 4, Aune dedica essa seção a uma comparação de Apocalipse 4 com todos os outros relatos de visões do trono, inclusive as visões de apócrifos e pseudoepígrafos. Quanto a Watts, seu trabalho é mais o de um comentarista do que ensaísta, mas ele também traz luz ao tema do Concílio Divino comparando com os escritos bíblicos apenas. Beale no seu livro *Commentary on the New Testament* afirma que o estudo do uso do AT no Apocalipse não recebeu a atenção necessária desde os anos 80 (p. 1758).

2 O SIGNIFICADO DO CONCÍLIO DIVINO NA BÍBLIA

O Concílio Divino é a corte celestial onde Elohim (governador, soberano), “o Deus único, é o principal e único governante.” (KOU, p. 1 e 2)¹¹⁵. “A noção do conselho celestial é bem atestada na Bíblia. É chamado por designações como סוד קדשים “o conselho dos seres santos” (Sl 89: 8), סודאלוה “o conselho de Deus” (Jó 15: 8), קהל קדשים “à assembleia dos seres santos” (Sl 89: 6) ou עדת אל “o conselho de Deus” (Sl 82: 1; ou, “o conselho de El”) ” (YINDO, p. 82). Em suma o concílio divino é uma das maneiras pela qual Deus demonstra seu caráter de Juiz Soberano.

2.1 O CONCÍLIO DIVINO DE MODO GERAL

Segundo o trabalho de Job Jindo, Deus é o Rei, o concílio sua corte real e o universo, seu domínio, o tribunal divino é apenas uma parte do concílio, segundo ele (p. 77), entender a esfera divina desse modo é entender como os autores bíblicos pensavam, (ibid.) diferente de muitos pensamentos, Yindo não vê o concílio divino como metáfora¹¹⁶. No mesmo livro, Carol Newsom, apresenta a perspectiva que o livro de Jó traz sobre o tribunal divino. “Somente no livro de Jó é a metáfora para uma provação com Deus desenvolvida de tal maneira que se torna um modelo potencial para organizar o relacionamento de uma pessoa com Deus como alternativa aos modelos de comportamento psíquico e piedade sapiencial. ” (MELMEISTER, HOLTZ; NEWSOM, p. 246).

Alan F. Johnson escreve que o misticismo do trono é o misticismo judaico mais antigo (JOHNSON, 1980, p. 462) “Sua essência não é contemplação absorbtiva da

¹¹⁵ “No conselho divino da religião israelita, Yahweh era a autoridade suprema sobre uma burocracia divina que incluía um segundo nível de menor elohim (bene ‘lim; bene elohim ou bene elohim) e um terceiro nível de mal o elohim e um terceiro nível de mal o olohim ”). ” (DICTIONARY OF THE OLD TESTAMENT, Tremper Longman III, Peter Enns, 2010, p. 239)

¹¹⁶ Se, por exemplo, entendemos isso no sentido metafórico, a objeção de Gideão e Samuel ao estabelecimento da realeza humana não faz sentido (Juízes 8:23; 1 Sm 12:12), pois não haveria conflito real entre os dois reis - divino e humano.



verdadeira natureza de Deus, mas percepção de sua aparência no trono” (Ibid. tradução livre). Na Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã temos a seguinte afirmação.

Deus, como rei divino, é descrito sentado em seu trono, cercado de criaturas celestiais (1 Rs 22.19; Sl 11.4; Ap 5.11). Algumas vezes o céu é chamado de seu trono (Is 66.1), ou o Templo (6.1; Ez 43.6), ou Jerusalém (Jr 3.17). Seu trono é descrito em linguagem visionária (Ez 1.26; Ap 4.4-6) (p. 1027)¹¹⁷

É importante estabelecer o fato de que ao longo da Bíblia os profetas de Deus receberam visões da glória de Deus em momentos de tribulação:

Foi concedido a Moisés uma visão similar de Deus (Ex. 24:10). Um século antes de Isaías o profeta Miquéias viu o Senhor sentado em Seu trono, com o exército dos céus ao Seu lado (1 Reis 22:19). Durante o reinado de Uzias, Amós também viu o Senhor de pé pelo altar no pátio do Templo (Amos 9:1). Mais tarde, durante o cativeiro babilônico, ambos Daniel (Dn. 7:9) e Ezequiel (Ez. 1:1; 10:1-5) tiveram visões do Senhor no Seu trono assim como João teve na ilha de Patmos (Ap. 4:1-6). Quando riscos cercam o povo de Deus e os poderes das trevas parecem prevalecer, Deus os chama à olhar para Ele, sentado no seu trono e dirigindo os afazeres no céu e a terra para que eles possam ter esperança e coragem. (SDABC. 1976. p. 128)

242

O comentário bíblico de Matthew Henry sobre Isaías também confirma o paralelo entre as visões iniciais dos profetas “Deus apareceu a Abraão, primeiro, como um Deus de glória (Atos vii. 2), e para Moisés, Exod. iii. 2. As profecias de Ezequiel e S. João, iniciam com visões da glória divina.” (HENRY, p. 38, tradução livre).

O caráter apocalíptico também se encontra no livro de Isaías, Aune no World Biblical Commentary afirma:

Desde 1822, quando o termo “apocalipse” foi cunhado pelo estudioso

¹¹⁷ Em seu livro o Santuário Celestial no Antigo Testamento, o Dr. Elias Brasil faz uma análise exegética dos principais termos que levam a crer que o local da visão de Isaías 6 era o Santuário Celestial de Hebreus, a primeira palavra que ele analisa é kisse’ (sob, em cima) e segundo ele, essa palavra se refere exatamente a um trono celestial ao invés da arca no templo – onde se acredita que ele estava quando recebeu a visão – pois é a mesma palavra de I Reis 22.19 que também se trata de uma visão nas hostes celestiais (SOUZA, p. 219). A segunda palavra analisada por ele é hekal que significa templo, para alguns a palavra se refere apenas ao templo terrestre, para outros ao templo celestial e outros creem se referir aos dois tipos, para Elias Brasil o contexto é decisivo, pois a medida em que os três primeiros versos são considerados, o foco da visão imediatamente se amplia sobre o templo/santuário celestial. A referência aos serafins como acompanhantes de YHWH reforçam a visão de que o Templo referido aqui é o Celestial. “Estivesse o templo de Jerusalém em vista, a referência seria aos querubins, não aos serafins.” (SOUZA, p. 220). A terceira palavra analisada pelo Doutor é a palavra bayit que também significa templo, esta é a palavra utilizada no versículo 4 e aponta para o templo terrestre pelo fato de “os umbrais das portas” se moverem “à voz do que clamava” (v. 4), ele aponta por fato de neste ponto sua perspectiva parecer de localização terrena, isso também se evidencia devida a expressão “habito no meio de um povo de impuros lábios [...]” (v. 5). É claro que o contexto das análises é para evidenciar o Santuário Celestial, mas dentro da visão de Isaías entendemos que a visão era inteiramente real, ou seja, Isaías de fato viu (v. 1), ouviu (v. 3 “clamavam”) e mesmo sentiu (v. 4 “moveram”, v. 7 “tocou”) aquilo que estava diante dele, bem como vemos a mistura entre os dois santuários, o santuário terrestre e o santuário celestial (ver “Objetivo Geral” p. 3).

alemão L. O. Nitzsch baseado em Ap. 1:1 tem sido amplamente usado como uma designação genérica para obras literárias que lembrem o Apocalipse de João em forma e conteúdo. (AUNE, p. lxxvii, tradução livre).

Ele continua comentando sobre Daniel e outras porções de outros livros proféticos do Velho Testamento como contendo características proto-apocalípticas e um dos livros listados pelo autor é o livro de Isaías capítulos 24-27 (Ibid.). Na introdução do World Biblical Commentary na seção que aborda as visões da sala do trono o autor revela que a maioria dos hinos e fragmentos de hinos estão localizados em lugares literais (AUNE, p. xcvi) enquanto que de todas as cenas do trono celestial contendo elementos de hinos apenas duas não se enquadram no contexto da sala do trono celestial. Em seu livro o Sacerdício Expiatório de Jesus Cristo, Frank Holbrook declara:

Quando Deus ordenou que Moisés erigisse um santuário, Israel evidentemente reconheceu que a estrutura serviria também de símbolo da habitação celestial de Deus. Os querubins fundidos em ouro que repousavam sobre a Arca da Aliança e os querubins bordados no tecido do forro de linho do tabernáculo e do véu interior são evidência disso [totalizando seis seres], eles representavam as hostes angélicas que circundavam o trono de Deus nas cortes celestiais. (HOLBROOK, p. 21)

O Concílio Divino é a meio pelo qual Deus se mostra como o soberano do universo, mas também como próximo aos homens, conforme afirma Paul Sumner no seu livro Visions of the Divine Council “Isaías diz que viu Elohim sentado em um trono. O nome parece expressar a estreita relação entre profeta e Deus, servo e Mestre, porque se originou “como um discurso em oração particular” e significava ‘Meu domínio’.” (p. 68).

Diferente de Aune e mais próximo de Osbourne, William Lasor em seu livro Introdução ao Antigo Testamento, coloca a visão de Isaías como cena de julgamento que como cena de comissão, ele declara que esse a visão não diz respeito, especificamente, ao chamado, mas sim, uma reconvocação para uma tarefa específica de anunciar o julgamento (LASOR, 2002, p. 301). Ambos Isaías e Ezequiel são chamados para anunciar o julgamento divino após terem visões (ALEXANDER; ROSNER, p. 817)

Segundo Lasor a salvação é o último objetivo de Deus. A visão de Isaías tem mais a ver com o julgamento que Deus tinha para Israel que com sua salvação. Dessa forma entramos em outro aspecto da visão de Isaías, Deus o chama para advertir o povo. “A visão teológica de Isaías é que Yahweh é o Senhor da história”. (HOUSE, 1958, p. 348) A visão era de julgamento, mas o chamado de Isaías era de advertência ao povo, pronunciando a misericórdia de Deus em meio a rebeldia destes.

O World Biblical Commentary de Apocalipse 1 a 5 diz:

O tema do concílio divino é frequentemente associado com profecia



no Antigo Testamento, pois se pensava que os profetas eram capazes de se unir a assembleia para ouvir as deliberações do concílio e assim anunciar a vontade de Deus para a terra; de acordo com Jeremias 23:18, “Porque quem esteve no conselho do SENHOR, e viu, e ouviu a sua palavra?” [...] em Amós 7:15, “Mas o SENHOR me tirou [para o concílio divino] de após o gado,” [...]). (AUNE, 1997. p. 277, tradução livre)

O comentário continua afirmando que em algumas visões os templos celestes e terrestres se misturam e usa o exemplo de Isaías 6 (Ibid.), Algo que Elias Brasil no seu livro *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* também confirma. Alan F. Johnson *Expositor's Biblical Commentary* afirma que pela primeira vez no capítulo 4 há uma “alternância frequente entre o céu e a terra” (JOHNSON, 1981, p. 461) ele continua dizendo “O que acontece na terra tem seu duplicado celeste inseparável” (Ibid. tradução livre).

2.2 O CONCILIO DIVINO EM ISAÍAS 6 E APOCALIPSE 4

Segundo David Aune no seu livro, *World Biblical Commentary* as visões do trono celestial de dividem em seis tipos (1) Cenas de entronização; (2) Cenas de julgamento; (3) Cenas de comissão; (4) Cenas de reunião festiva escatológica celeste; (5) Visão de Deus como marco de misticismo Merkavah; (6) Cenas de trono literais. (AUNE, p. 277, 278) dentro de sua lista a visão de Apocalipse 4 se encontra no sexto tipo, segundo ele:

O foco das visões do trono é a entronização de Deus na sua corte celeste cercado por uma variedade de seres angelicais ou deidades menores (anjos arcanjos, serafins, querubins) que trabalham como cortesãos. Todas essas descrições da entronização de Deus em sua corte celeste são baseadas em antigas concepções do concílio divino ou assembleia encontradas na Mesopotâmia, Ugaria e Fenícia bem como em Israel (Ibid.)

Diferente de Apocalipse 4 a visão de Isaías 6 se encontra dentro do terceiro tipo (Ibid.) embora ele afirme que a visão de Isaías é diferenciada por misturar o templo celeste e o templo terrestre (Ibid.), John Watts no seu comentário sobre Isaías afirma que Isaías também participa do concílio divino (*World Biblical Commentary*, p. 104) inclusive, sua outra afirmação sobre o assunto declara que as visões de Isaías e Ezequiel são “carregadas” (usando o termo original) para a visão de João em Patmos (Ibid. p. 105).

A palavra glória usada em Isaías 6 é “*kabôd*” e é usada em momentos que Deus se manifesta a suas criaturas (GROGAN, p. 56)¹¹⁸. O livro *Barne's Notes on the New Testament* declara (1) que o autor estava lucido quando as teve; (2) as representações eram sobrenaturais e João era limitada ao mundo natural; (3) os elementos visuais

¹¹⁸ O divino *kabod* era revelado e visto pelos homens. O céu se abre, o transcendente irrompe e é visível (*Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. p. 2594)

eram tão reais que João os descreveu como reais em termos simbólicos e pictorescos (COBBIN, p. 1573)¹¹⁹.

Sobre o caráter de adoração da cena Johnson afirma: “Em hebraico, a dupla repetição de uma palavra traz ênfase enquanto que a rara tripla repetição designa o superlativo e atrai a atenção para a infinita santidade de Deus”, ele continua “O trisagion (“Santo, santo, santo”) é uma expressão litúrgica usada na adoração cristã e judaica.” (JOHNSON, 1981, p. 463). Falando do trisagion Geoffrey W. Grogan comenta: “Em João 12:41, depois de mencionar Isaías 6:10, João diz que Isaías viu a glória de Jesus e falou sobre ele.” (GROGAN, p. 56)¹²⁰ ele continua dizendo: “Essa incrível declaração é consistente com a elevada Cristologia dos escritores do Novo Testamento, pois Jesus é Deus encarnado e o mesmo Deus é revelado em ambos os Testamentos.” (Ibid.).

Sobre a visão de Apocalipse 4 Aune comenta que até mesmo as pedras usadas no versículo 3 indicam que a visão que o apóstolo João teve no capítulo 4 é sobre o trono de Deus e Ele é Aquele que se sentou no trono. No verso 3 *kai. o` kaqh,meno j o[moio j o`ra,sei li,qw| iva,spidi kai. sardi,w*, “o/esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio,” Aqui a frase *o` kaqh,meno j*, “se acha assentado”, corresponde ao apelativo hebraico *bve^aAy÷ yœšøb*, “o entronizado”, como um desígnio para Deus (SI 22:4) (AUNE, p. 277, 285).

John Walvoord explica que João “experimentou estar na presença de Deus e ver essas visões gloriosas” (WALVOORD, p. 104) O primeiro objeto visto por João foi o trono no céu e aquele sentado sobre ele (Ibid.) ele lembra que o trono no céu é um lembrete da soberania de Deus. A visão de Osbourne é um tanto similar, ele afirma “Como em Isaías 6, Deus está no centro da cena.” e continua “Originalmente designado como uma cadeira para convidados especiais, o “trono” se tornou um símbolo da majestade soberana do rei. Ele significava tanto governo como julgamento.” (OSBORNE, p. 251).

3 AS SIMILARIDADES ENTRE VISÕES DE ISAÍAS 6 E APOCALIPSE 4

Esta seção irá apresentar as similaridades sintáticas entre as visões de Isaías 6 e Apocalipse 4, em seu estudo, Abner Chou no seu livro *I Saw the Lord*, compara o que ele chama de “vision proper” (visão adequada, em tradução literal, ou visão propriamente dita, em tradução equivalente) para demonstrar a unidade do que os autores viram apenas (p. 26). Para realizar essa harmonização, como ele chama, é preciso responder as perguntas onde, o que, quando, quem e porque (p. 23).

3.1 SIMILARIDADES ENTRE ISAÍAS E APOCALIPSE

¹¹⁹ No capítulo 37 do livro *The Blackwell Companion to the New Testament*, David L. Barr, afirma que uma das razões para as incoerências do Apocalipse é o fato de João estar escrevendo em grego com o pensamento em Aramaico; junto com essa afirmação, Barr também diz que o autor propositalmente usou uma dicção tanto bíblica quanto extática, pois essa dicção reforça o leitor de que não são apenas palavras dele, mas foram dadas em espírito (AUNE; BARR, p. 640).

¹²⁰ João não possui alusões à Isaías apenas pelo livro do Apocalipse, em seu evangelho ele cita Isaías 6.10 e 53.1 no capítulo 12 (DILLARD, LONGMAN III, p. 259).

Segundo Beale “Aproximadamente mais da metade das referências são de Salmos, Isaías, Ezequiel e Daniel” (p. 1758) na mesma página Beale reconhece Isaías e Ezequiel como os profetas que mais influenciam os escritos joaninos. Abner Chou no livro *I Saw the Lord, a Biblical Theology of Vision* traz paralelos de duas maneiras entre Isaías e João, 1. Em João 12.38-41 o apóstolo cita Isaías 6.10 e afirma que o profeta falou de Cristo; 2. João falou apenas da glória de Jesus, nesse caso, conectando a glória de Cristo com a glória do Servo do Senhor das visões de Isaías, e não necessariamente com o capítulo 6 (p. 30).

No livro *Barne's Notes on the New Testament* o autor afirma que há uma semelhança gritante entre a visão de João e de Isaías, bem como o contexto em que ambos viram, assim como Isaías recebeu a visão de Deus Soberano antes de iniciar seu ofício profético, João recebeu uma visão similar em sua iniciação como profeta (COBBIN, p. 1573).

João chama seu trabalho de “palavras da profecia” (Ap 1.3) mesmo seu livro do Apocalipse sendo em sua maioria uma literatura apocalíptica, (simbolismos, cores, números, animais) (AUNE; BARR, p. 643), mas isso não tira o fato de João ter recebido um oráculo de julgamento e salvação assim como Isaías, Ezequiel e Jeremias (AUNE; BARR, p. 642). Falando de Isaías, Marvin Sweeney afirma que “De um modo geral, o livro de Isaías pode ser identificado como um exemplo de LIVRO PROFÉTICO, gênero em que apresenta um conjunto de oráculos proféticos identificado com o profeta Isaiah ben Amoz.” (p. 49).

Beale no seu livro *John's Use of the Old Testament* realiza um resumo claro da obra de Fekkes, sobre o livro de Isaías no Apocalipse, Fekkes claramente considera que as referências ao Antigo Testamento são alusões e usa critérios para comprovar quais são verdadeiras e quais são falsas 1)

3.2 SIMILARIDADES ENTRE O CAPÍTULO 6 DE ISAÍAS E O CAPÍTULO 4 DE APOCALIPSE

Ridderbos afirma que “O profeta vê esse Deus Altíssimo sentado em Seu trono em majestade real enquanto as orlas de suas vestes bufantes cobriam completamente o piso do “templo” — isto é, do santuário celestial” (Isaías, Introdução e Comentário, p. 93) enquanto que o Comentário Bíblico Adventista afirma que ele estava no átrio do templo de Jerusalém e viu o Senhor no seu trono (p. 119). Enquanto isso, a narrativa de João deixa claro que o trono se encontra no céu (Ap 4.2), mas ao invés de mencionar um templo, é mencionado uma grande sala, Robert H. Mounce, citando Krodel, afirma no seu livro *The Book of Revelation* que “O céu não é retratado como um templo ou uma sinagoga, mas como a sala do trono de um grande rei” (p. 443).

O Comentário Bíblico Adventista também fala das duas visões. Ao mencionar os elementos das visões de João o comentário bíblico afirma que a visão do capítulo 4 de Apocalipse tem mais paralelos com a visão de Ezequiel capítulo 1 (SDABC, p. 128). Falando dos quatro seres vivos o comentário adventista faz uma ligação entre as três visões, ele afirma que “os querubins da visão de Ezequiel tinham quatro asas

cada (Ez. 1:10; 10:21), enquanto que os serafins de Isaías tinham seis (Is. 6:2). ” (SDABC. 1980. p. 768).

Segundo Mathewson, duas características principais de Isa. 6.2-3 “encontra seu caminho na formulação de João” (p. MOYISE, MERKEN; MATHEWSON, p. 190). A primeira é a descrição de seis asas das criaturas vivas em Isaías. 6.2. A segunda é o trisagion que mostra a função das criaturas. Alan Johnson, no seu livro Apocalipse, traz uma visão pouco diferenciada ao declarar que os quatro seres viventes “devem estar ligados com os serafins de Isaías e o querubim de Ezequiel (cf. Is. 6:3; Ez 1:5-25; 10:1-22). ” (JOHNSON, 1981, p. 463).

Johnson comenta sobre as asas e traça o paralelo com Isaías 6:2 (ibid.). Outro paralelo de destaque de Johnson (ibid.) e que o comentário bíblico adventista também aponta é a expressão “Santo, santo, santo”. “Esse também é o grito dos serafins na visão de Isaías (ver Is. 6:3).” (SDABC. 1980. p. 768), O comentário bíblico Beacon também nota a expressão “Santo, santo, santo”, “Esse é um eco do clamor dos serafins em Isaías 6:3” (EARLE, 2017, p. 439). O Communicator’s Commentary de Earl F. Palmer, falando da visão de João, afirma:

A visão é cheia de movimentos e sons e cor. A visão é um dilúvio de experiências e símbolos do Velho Testamento, de visões apocalípticas e proféticas do Velho Testamento. Há similaridades com a visão de Isaías no ano que o Rei Uzias morreu (Is. 6:1-5). Há ainda mais similaridades com a visão de Ezequiel (Ez. 1). (p. 158)

247

No livro The Blackwell Companion to the New Testament, David Barr, afirma que apesar de João nunca citar as escrituras, ele usa as palavras e imagens da Bíblia, “especialmente de Daniel, Ezequiel e Isaías, mas também de Zacarias, Joel e os Salmos. ”, não porque está copiando, mas “é como se ele lesse a fonte-texto e, em seguida, experimentasse sua própria revelação que ele lança nas imagens e temas do original. ” (AUNE; BARR, p. 641), para Barr a intertextualidade influencia e não é apenas retirada.

3.3 ANÁLISE DAS PALAVRAS ראה E Εἶδον.

Para uma melhor visão da veracidade dos relatos de Isaías e João seria preciso analisar as palavras que tem relação com a percepção sensorial, a saber, ראה e Εἶδον. O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, afirma que os equivalentes mais importantes de eidon no hebraico são ra’ah e hazah¹²¹. Em Isaías temos as palavras, ראה (ra’ah) para ver (Is 6.1), קרא (qara’) para voz e para clamar (Is 6.4) e נגע (naga’) para tocar (Is 6.7). Enquanto que em Apocalipse temos a palavra Εἶδον (eidon) para ver (Ap 4.1), ἤκουσα (ekoysa) para ouvir (mesmo verso). Neste caso será analisada apenas a palavra ראה e Εἶδον como fator mais importante para a

¹²¹ Segundo o Dicionário Teológico do Novo Testamento, *eidon* é usado para *ra’a* mais de 670 vezes (p. 52).

veracidade do relato já que a própria palavra para tal acontecimento se denomina “Visão”¹²².

3.3.1 Análise da palavra ראה (*ra’ah*)

“וַיִּרְאֵהָ” (tradução, “e vi”) é a palavra usada no original hebraico, a palavra ראה é raiz para outras palavras que contém o ato de olhar (ro’eh, “vidente” e mar’eh, “visão”)¹²³. Como afirma o Theological Dictionary of the Old Testament a raiz constitui a base semítica para percepção sensorial (BOTTERWECK, RINGGREN, FABRY, p. 210). No livro Theological Wordbook of the Old Testament temos a declara de que essa palavra emprega autenticidade ao profeta quando este recebe “oráculos de Deus” (HARRIS, ARCHER, WALTKE, p. 823).

O fato de no original ao preceder a palavra ter um vav consecutivo (ו) expressa os eventos que tomam conta – antes de o ו ser usado – como eventos reais, lógicos e temporais (GESENIUS, p. 327). O ו é traduzido por “e” para o português e se prefixa inseparavelmente a palavra seguinte (Gramática Elementar da Língua Hebraica, p. 21). A gramática Gesenius explica que o tempo verbal de ראה é o imperfeito, devida a presença do ו consecutivo que representa ações, eventos ou estados em processo de realização ou contínuos. ” (p. 313).

O tempo não se aplica somente ao momento מוֹת הַמֶּלֶךְ עֲזַרְיָהּ (No ano da morte do Rei Uzias), como bem explicado no Theological Dictionary of the Old Testament, a palavra ra’a, (1) denota a experiência de ver como uma totalidade na qual sensação e percepção se mesclam; (2) se refere ao segmento do processo que traz fluxo perpetuo da experiência visual de viver a realidade ao nível de identificação consciente (p. 214, 215), unindo essa afirmação ao fato de o tempo verbal de ראה estar no imperfeito, conclui-se que Isaías narrou este evento fazendo referência também ao contexto momentâneo. Ver a Deus em sua essência não é possível aos homens (RENN, p. 868) por isso há confusão quando é referido que Isaías “viu”, mas algo que o Dicionário Teológico do Novo Testamento afirma é que Isaías viu, mas não descreveu (p. 53) o Senhor, assim como todos os outros profetas que tiveram visões semelhantes.

3.3.2 Análise da palavra εἶδον (*eidon*)

Com “εἶδον” há complicações, a palavra é o 2º Aoristo da palavra ὥρᾱ (horao) segundo o Expository Dictionary of Bible Words εἶδον é a forma em tempo passado de ὥρᾱ (FRIEDRICH, BROMILEY, p. 868), uma afirmação incompleta, já que o aoristo, apesar de se iniciar no passado não permanece ali, é uma ação 1) simples; 2) indefinida. O Lexico Grego de Thayer considera a palavra uma forma em desuso do tempo presente, sendo ὥρᾱ a melhor forma.

¹²² Abner Chou no seu livro usa esse argumento para fazer a harmonização entre as visões (p. 28 – 40)

¹²³ É usado muitas vezes nos profetas maiores e menores desta maneira precisa: Isa 6: 1; Jr 1:11, 12, 13; Ezequiel 1: 1, 4, 15, 27, 28; Ezequiel 2: 9; Ezequiel 8: 2, 6, 7, 10, 15; Ezequiel 10: 1, 9; Ezequiel 11: 1. (Theological Wordbook of the Old Testament, p 823).

O Dicionário Teológico do Novo Testamento afirma que no Apocalipse, João se encontra numa espécie de transe assim como Pedro (At 10.10) (p. 57), portanto a palavra “ver” se limita a esse estado, a expressão ἐγενόμην ἐν πνεύματι “achei-me em espírito” (4.2; 1.10) é constantemente usada para se referir a este transe espiritual (BEALE, p. 77), a palavra ἐγενόμην significa literalmente “me tornei” ou “fiquei”, “estive”. O Expository Dictionary of Bible Words afirma que no contexto de Apocalipse 4 a palavra é usada para percepção espiritual (2006, p. 868).

As palavras εἶδον e ὁράω andam juntas, as duas são bastante usadas como percepção sensorial presente, embora *eidon* seja mais recorrente, tanto no NT quanto na LXX¹²⁴, somente na última as duas são usadas 1450 vezes (BROWN, p. 513), segundo o Dicionário Teológico do Novo Testamento, só no NT ὁράω ocorre 113 vezes nos Evangelhos, Atos e Apocalipse, em contraste, εἶδον ocorre em torno de 350 vezes nos mesmos livros (2013, p. 55).

O Expository Dictionary of the New Testament aponta que “ὁράω dá “proeminência a mente sagaz” (VINE, p. 337). A palavra usada para ראה em Isaías 6 é εἶδον (ver. LXX, p. 573) No Dicionário Teológico do Novo Testamento é dito que as palavras ὁράω e εἶδον são usadas para visões proféticas na LXX (p. 53). A palavra para εἶδον na Bíblia Hebraica do Novo Testamento é ראיתי (ra’et) (ver. o site Ancient Hebrew Research Center). No NT seu o foco está no aspecto visual, ou seja, percepção sensorial (DANKER, p. 109).

CONCLUSÃO

O tema do concílio divino é extremamente amplo para ser apresentado em apenas um pequeno artigo. Há textos demais a serem analisados e comparados. Isaías 6 e Apocalipse 4 carregam uma peculiaridade em comum. A expressão “Santo, santo, santo” não é ouvida em nenhum outro lugar na Bíblia, senão estes dois relatos, é a expressão que os conecta fortemente e nos faz acreditar que o que João viu e ouviu, senão a mesma visão, era semelhante. De acordo com Abner Chou, a harmonização das duas passagens é clara e a teologia que as compõe também, ambos escreveram palavras de juízo e de salvação. Apesar de existirem teofanias semelhantes em outras culturas, suas comparações deixam as semelhanças rasas, mas as comparações com os relatos dentro da Bíblia apenas as expandem a sua própria luz.

Gregory Beale no seu livro John’s Use of the Old Testament afirma que enquanto outras literaturas apenas copiam do AT João compreende, baseado na morte e ressurreição de Cristo no contexto de perseguição da igreja, que o significado daquilo que ele relata é o início do cumprimento das visões de Daniel. “Por outro lado, apesar dos vários graus de criatividade. Na exegese, os autores apocalípticos e John mostraram respeito para os contextos do Antigo Testamento aos quais eles estavam

¹²⁴ *Eidon* é a forma mais usada no Novo Testamento, são 336 vezes segundo o Dicionário Internacional de Teologia, (p. 214). A Septuaginta conta com 930 vezes para *eidon* e 520 para *horao* (Dicionário Teológico do Novo Testamento, p. 52).

fazendo referência.” (p. 15). A verdade é que o concílio divino merece mais exposição dentro do âmbito adventista.

Segue a lógica, 1) Chou conecta Isaías, Ezequiel, Daniel e Apocalipse, em seu livro *I Saw the Lord: A Biblical Theology of Vision* vemos que esses profetas bíblicos tiveram visões com focos separados de um momento singular no Santuário Celestial; 2) todas essas visões descrevem um trono celestial e Deus assentado sobre ele; 3) Elias Brasil provou em seu livro *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* que o que Isaías, Ezequiel e Daniel viram foi o Santuário Celestial; 4) O Novo Testamento é uma confirmação do Velho Testamento, sendo isso verdade, as visões dos profetas do AT têm sua revelação final em João, Beale em seu livro *Apocalypse: Verse by Verse*, afirma que a visão do trono de Apocalipse 4 é a “culminação”, ou seja, o fim, de todas as visões do trono na Bíblia (p. 77).

O capítulo 4 de João se trata do Deus Soberano isso é fato, mas ele não deve ser lido sozinho, pois a visão de João que inicia no capítulo 4 só termina sua seção no capítulo 6, quando termina o louvor ao Cordeiro e inicia a abertura dos selos. O Apocalipse está expandindo o momento visto por Isaías, Daniel e Ezequiel, esse momento é conhecido como entronização ou glorificação de Cristo após sua ressurreição, o livro *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* inicia seus capítulos narrando a importância desse evento, esse momento é descrito em outras partes do Novo Testamento como Atos 2 e é mencionado por Cristo pela própria boca de João em seu Evangelho, por isso é tão importante. As visões dos profetas do AT têm sua conclusão no NT, no Apocalipse, pois é a continuação do evento da glorificação que ocorre no Santuário Celestial.

O trabalho realizado não foca nas comparações, esse objetivo já foi conquistado por autores como Gregory Beale, Steve Moyise, David Aune entre outros autores abordados nas páginas acima. Tampouco foca no caráter visionário como realidade presencial, essa é a uma verdade notória, mas com pouco valor teológico. Esta obra se limita a trazer escritos de diversos autores sobre um tema pouco abordado no meio adventista para que sirva de guia entre futuros acadêmicos adventistas que queiram uma referência para as literaturas sobre as visões do trono. Este é um tema que – independente daquilo que homens acreditam como verdade ou mito, fato ou conto, metáfora ou acontecimento real – merece luz por concordar em um único ponto, Deus é o governador do universo.

REFERÊNCIAS

Ancient Hebrew Research Center. **Hebrew New Testament: Index**. Disponível em: > <https://www.ancient-hebrew.org/hebrewnt/index.htm> < Acesso em: 10/11/2019.

AUNE, David E. **The Blackwell Companion to the New Testament**. John Wiley & Sons Ltd, Chichester, West Sussex, United Kingdom. 2010.

AUNE, David E. **World Biblical Commentary: Vol. 52. Revelation 1-5**. 1997, USA. p. 277, 278, 285.



BARNES, Albert. **Barne's Notes on the New Testament**. Grand Rapids, Michigan. 1970.

BOTTERWECK, Johannes G. RINGGREN, Helmer, FABRY, Heinz-Josef. **Theological Dictionary of the New Testament**. William B. Eerdmans Publishing Company. Grand Rapids, Michigan.

BROWN, Francis, DRIVER, S. R. BRIGGS, Charles A. **The Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Clarendon Press: Oxford. 1906.

CHOU, Abner. **I Saw the Lord: A Biblical Theology of Vision**. Wipf & Stock, USA. 2013. Disponível em: ><https://bit.ly/33bNu5S>< Acesso em: 04/11/2019.

COENEN, Lothar, BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Sociedade Religiosa Vida Nova. São Paulo. 2013.

DILLARD, Raymond B., LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

FEYRABEND, Henry. **Apocalipse: Verso por Verso**. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira. 2004. p. 39.

GÆBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible Commentary**: Vol. 12: Hebrews through Revelation. 1981 by Zondervan. Grand Rapids, Michigan. p. 461.

GÆBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible Commentary**: Vol. 6. 1986 by Zondervan. Grand Rapids, Michigan. p. 3.

GENERAL CONFERENCE. **Seventh Day Adventist Bible Commentary**: Isaiah to Malachi. 1976. Review and Herald. p. 128.

GENERAL CONFERENCE. **Seventh Day Adventist Bible Commentary**: Vol. 7. Philippians to Revelation. 1980. Review and Herald. p. 768.

GESENIUS, Wilhelm, KAUTZSCH, E., COWLEY, A. E. **Gesenius Hebrew Grammar**. Dover Publications. 2006. Acesso em plataforma digital: Bible Works.

GOFF, Matthew; STUCKENBRUCK, Loren T.; MORANO, Enrico. **Ancient Tales of Giants from Qumran and Turfan: Contexts, Traditions, and Influences**. Tübingen, Germany, 2016.

HAAN de, M.R, M.D. **Revelation: 35 simple studies in the major themes in Revelation**. Zondervan Publishing House, 1946, 20th printing in Jan. 1980.

Handbook on the Prophets.

HARRIS, Laird R. ARCHER, JR, Gleason L, WALTKE, Bruce K. **Theological Wordbook of the Old Testament**. Moody Publishers. 2003.

HENRY, Matthew. **Matthew Henry's Commentary on the Holy Bible**. Vol. IV. – Isaiah to Malachi. Fleming H. Revell Company. p.38.

HAYS, Richard B. **Echoes of Scripture in the Gospels**. Baylor University Press, USA. 2016.

HIMMELFARB, Martha. **Ascent to Heaven in Jewish and Christian Apocalypses**. Oxford University Press. Oxford, New York. 1993.



HOLBROOK, Frank B. **O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo**. Tatuí: SP – Casa Publicadora Brasileira. 2012, p. 21

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico Do Antigo Testamento**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. São Paulo. 2010.

HOUSE, Paul. **Teologia do Antigo Testamento**. Editora Vida Nova. 1958. p. 348.

KENSKY, Meira Z. **Trying Man, Trying God: The Divine Courtroom in Early Jewish and Christian Literature**. Tübingen, Germany, 2010. Disponível em: > <https://bit.ly/32e46J0> < Acesso em 04/11/2019.

KISTEMAKER, Simon. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã. 2014, p. 257.

KOEHLER, Ludwig, BAUMGARTNER, Walter, STAMM, Johann Jakob. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands. 2004.

KOU, Christopher D. **A Biblical Theology of the Divine Council**. Theopolis Institute, 2017

LASOR, William S., HUBBARD, David A., BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2002. p. 301.

MERMELSTEIN, Ari; HOLTZ, Shalom E.. **The Divine Courtroom in Comparative Perspective**. Koninklijke Brill nv, Leiden, The Netherlands. 2015.

MOUNCE, Robert H. **The New International Commentary on the New Testament**. Grand Rapids, Michigan. 1977.

MOYISE, Steve. **The Old Testament in the New Testament**. Sheffield Academic Press Ltd, England. 2000.

MOYISE, Steve; MENKEN, Maarten J.J. **Isaiah in the New Testament**. T&T Clark, New York. 2005.

ORBORNE, Grant. **Apocalipse: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 251.

PALMER, Earl F. **The Communicator's Commentary: 1, 2, 3 John, Revelation**. 1982 by Word, Inc. p. 158.

RIDDERBOS, J. **Isaías**. Vida Nova: São Paulo. 1986. p. 93.

SOUZA, Elias Brasil. **O Santuário Celestial no Antigo Testamento**. Academia Cristã: Cachoeira (BA). 2014. p. 219 - 221

STOKES, Ryan E. The Throne Visions of Daniel 7, 1 "Enoch" 14, and the Qumran "Book of Giants" (4Q530): An Analysis of Their Literary Relationship. Em: **Dead Sea Discoveries** Vol. 15, No. 3 (2008), pp. 340-358. Disponível em: > <https://bit.ly/34bfy9G> < Visitado em: 29/10/2019.

SUMNER, Paul B. **Vision of the Divine Council on the Hebrew Bible**. Faculty of the Religion Division, Pepperdine University, Malibu, California. 1991, 2010.

SWEENEY, Marvin. **Isaiah 1-39** with an Introduction to Prophetic Literature. William b. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, Michigan / Cambridge. U. K. 1996.



TAYLOR, Richard S; HARPER, A. F.; NICHOLSON, Roy S.; FUHRMAN, Eldon R.; BLANEY, Harvey J. S.; ROSE, Delbert R.; EARLE, Ralph. **Comentário Bíblico Beacon: Hebreus a Apocalipse**. Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 2017. p. 437.

Vários Autores. **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã. 2008.

VAUGHAN, Curtis, GIDEON, Virtus E. **A Greek Grammar of the New Testament**. Broad Man Press, Nashville, Tennessee.

WALVOORD, John F. **The Revelation of Jesus Christ**. The Moody Bible Institute of Chicago. 1966, p. 101, 104.

LONGMAN III, Tremper, ENNS, Peter. **Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings**. IVP Academic. 2008.